

ENTRE O AJUSTAMENTO E DESAJUSTAMENTO: O SOFRIMENTO PSÍQUICO DA REPRODUÇÃO DO CAPITAL

Élido Santiago da Silva¹
Gilmar Pereira da Silva²

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar o ajuste/desajuste dos alunos de um Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do nordeste brasileiro aos mecanismos de reprodução do modo de produção capitalista. O referencial teórico foi sustentado nos conceitos de organização racional do trabalho (TAYLOR, 2009); Teoria do Capital Humano (SCHULTZ, 1973; BOWLES, GINTIS, 2014); sofrimento psíquico (DEJOURS, 1992). Como método de coleta de dados, utilizou-se a entrevista semiestruturada e através da análise de conteúdo (BARDIN, 1977) chegou-se às categorias dialéticas Ajuste/desajuste ao sistema capitalista. Como conclusão, destaca-se que tanto o ajuste ou o desajuste trazem aos estudantes forte tensionamento que os leva ao sofrimento psíquico. Isto é devido a forte pressão por resultados naquele ambiente escolar.

Palavras-chave: Organização racional do trabalho, Teoria do Capital Humano, Sofrimento psíquico.

Abstract: The present study aims at analyzing how students in a Science and Technology Federal Institute from the Brazilian Northeast adjust or maladjust to reproducing the capitalist mode of production. The theoretical reference was based on the concepts of Taylor's Rational Organization of Work (TAYLOR, 2009); Theory of Human Capital (SCHULTZ, 1973; BOWLES, GINTIS, 2014); Psychological Distress (DEJOURS, 1992). Our data collection methods were performed as a semi-structured interview and, by its content analysis (BARDIN, 1977), we came to the dialectical categories adjustment/maladjustment to the capitalist system. As a conclusion, it stands out that both adjustment or maladjustment bring about intense stress in these students' behavior, which lead them to psychological distress, as a result of the pressure to succeed they face in that particular school environment.

Keywords: Rational Organization of Work, Theory of Human Capital, Psychological Distress.

Resumen: El presente artículo tiene como objetivo analizar el ajuste/desajuste de los alumnos de un Instituto Federal de Ciencias y Tecnologías del nordeste brasileño a los mecanismos de reproducción del modo de producción capitalista. El referencial teórico

¹ Professor do departamento de Ciências Sociais, Educação e Desporto - UFPI/CMRV.

² Programa de Pós-graduação em Educação, Instituto de Ciência da Educação da Universidade Federal do Pará.

fue sostenido en los conceptos de organización racional del trabajo (TAYLOR, 2009); Teoría del Capital Humano (SCHULTZ, 1973; BOWLES, GINTIS, 2014); sufrimiento psíquico (DEJOURS, 1992). Como método de recolección de datos, se ha utilizado la entrevista semiestructurada y a través del análisis de contenido (BARDIN, 1977), se llegó a categorías dialécticas ajuste/desajuste al sistema capitalista. Como conclusión, se señala que tanto el ajuste como el desajuste traen a los estudiantes fuertes tensionamientos que les lleva al sufrimiento psíquico. Esto ocurre gracias a la fuerte presión por resultados en aquel ambiente escolar.

Palavras-clave: Organización racional del trabajo, Teoría del Capital Humano, Sufrimiento Psíquico.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo analisar o ajuste/desajuste dos alunos de um Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do nordeste brasileiro aos mecanismos de reprodução do modo de produção capitalista. Partindo do fundamento que o capitalismo se sustenta a partir de um modelo que gera desigualdade através da exploração da força de trabalho de uma classe por outra que detém os meios de produção e que articula meios de conservação do processo de desenvolvimento desigual.

Para tal, o estudo apresentado aqui teve como sujeitos da pesquisa os alunos concludentes do ensino médio integrado à educação profissional que foram entrevistados em novembro de 2017 no próprio lócus da pesquisa, em um espaço reservado que possibilitou uma situação favorável para gerar conforto e segurança para os entrevistados. À época foram entrevistados doze alunos, mas por razões práticas, apenas oito serão apresentados aqui neste através de pseudônimo. Uma vez que valorizamos as falas com maior significância para o objetivo deste artigo.

Através de uma análise de conteúdo (Bardin, 1977) chegamos às categorias dialécticas Ajuste/desajuste ao sistema capitalista. Sendo que consideramos por **Desajuste ao sistema:** elementos que demonstram a falta de capacidade de reproduzir ou ajustar-se aos ritos exigidos no interior do sistema capitalista e seu metabolismo. E, **Ajuste ao sistema:** ajustamento aos padrões de reprodução do sistema capitalista e seu metabolismo.

Desta forma, para apresentarmos nossa pesquisa, organizamos este texto em quatro seções, distintas a esta. Na primeira apresentaremos que a desigualdade crescente da sociedade capitalista reside no processo de racionalização da produção que aumenta a extração da mais-valia e que encontra como forma de sustentação a Teoria do Capital Humano. O segundo tópico trata das falas dos sujeitos pesquisados e seus desajustes aos processos de reprodução do sistema capitalista. A seção seguinte versa sobre o ajustamento dos estudantes aos ritos transmitidos na escola. Por fim, apresentaremos nossas conclusões sobre a produção de ajuste/desajuste no ambiente escolar que remonta o ajuste/desajuste ao processo de exploração capitalista.

O fundamento da desigualdade e um de seus métodos de conservação.

No ano de 2017 apresentamos no Brasil uma forte concentração de renda, onde apenas seis pessoas detinham a mesma renda que outros cem milhões de brasileiros mais pobres (OXFAM, 2017). Toda essa concentração se transforma em desigualdade social, na qual o acesso aos serviços essenciais, ao consumo, à cultura e ao lazer são negados ou fracionados. A concentração de renda é fundamenta na racionalidade instrumental que norteia o desenvolvimento do capitalismo. Marx (2013, p.229) afirma que “[...] Esse impulso absoluto de enriquecimento, essa caça apaixonada ao valor é comum ao capitalista e ao entesourador, mas, enquanto o entesourador é apenas o capitalista ensandecido, o capitalista é o entesourador racional”.

O esquema racional posto originalmente, desvelado por Marx (2010), aponta que para um capitalista por preço de venda em uma mercadoria ele precisa ter como variáveis de cálculo três elementos: primeiro, o custo da matérias prima e a depreciação das máquinas. Seguido do salário pago ao trabalhador e por fim, seu lucro.

O Frederick W. Taylor (2009), guiado pela necessidade de aumentar a produção, reduzindo os custos de produção a partir da racionalidade capitalista, afirma no primeiro parágrafo do primeiro capítulo do seu livro “Princípios da Administração Científica” que:” O principal objetivo da administração deve ser o de assegurar o máximo de prosperidade ao patrão e, ao mesmo tempo, o máximo de prosperidade ao

empregado” (2009, p. 24). O autor afirma que isso é tão evidente que é desnecessário demonstrar isso empiricamente. Entretanto, os resultados apresentados em seus anos de aplicação do método de administração científica mostram que os ganhos dos patrões alcançavam até 300%, enquanto dos trabalhadores representavam apenas 60%. Veremos isso detalhadamente mais à frente.

O caso da *Bethlehem Steel Company* é um dos mais emblemáticos da implantação do Sistema de Administração Científica de Taylor. Neste caso, fica claro que o aumento da produção, mesmo que seguida de aumento do salário dos operários, traduz-se em aumento da mais-valia e, conseqüentemente, aumento da concentração e centralização do capital, o que reforça a desigualdade social.

Após um diálogo conduzido asperamente por Taylor com um operário que o mesmo denominou de Schmidt, o engenheiro assume que a forma ríspida da conversa e o ganho apresentado, rendimento de \$ 1,15 aumentado para \$ 1,85, serviam mais para encobrir a desproporcional carga de trabalho a ser aumentada, de 12 toneladas e meia para 47 toneladas por dia a serem carregadas até um vagão (ver tabela 01). Saca-se um trecho da conversa que demonstra bem que o sistema taylorista se resume em um sistema de controle mais agudo. Disse ele a Schmidt:

E, mais ainda, sem reclamações. Um operário classificado faz justamente o que se lhe manda e não reclama. Entendeu? Quando esse homem mandar você andar, você anda; quando disser que se sente, você deverá sentar-se e não fazer qualquer observação. Finalmente, você vem trabalhar aqui amanhã e saberá, antes do anoitecer, se é verdadeiramente um operário qualificado ou não. (TAYLOR, 2009. p. 46).

	Sistema antigo	Novo sistema Trabalho por tarefa
Número de trabalhadores (no pátio)	400 a 600	140
Média de toneladas por dia e por homem	16	59
Média de remuneração por dia e por homem	\$ 1,15	\$ 1,88
Custo médio do carregamento de uma tonelada de 2.240 lbs	\$ 0,072	\$ 0,033

Tabela 1: comparativo entre os resultados do velho e do novo sistema, segundo Taylor.
Fonte: Taylor, 2009. p.59.

Nota-se pelo diálogo que o sistema de Taylor é uma forma de ajustamento ao processo de exploração da força de trabalho e, por isso é um método educacional daquilo que está em conformidade com as formas de extrair ganhos máximos do esforço do trabalhador. Portanto, é a racionalização que conduz ao aumento do lucro do capitalista o fundamento da desigualdade, visto no exemplo do Taylor que o capital tenderá a preservar o aumento do lucro em proporção maior que os ganhos salariais dos trabalhadores.

A partir da década de 1950, incentivou-se que o maior incremento na formação escolar garantiria o maior rendimento dos trabalhadores na forma de salário. O conjunto racional que construiu esta assertiva, chamou-se de Teoria do Capital Humano, sendo Theodore W. Schultz o maior expoente desta teoria.

Schultz defende que a educação possui valor econômico, uma vez que: “se baseia na ideia de que as pessoas têm que potencializar suas capacidades como produtoras e consumidoras, mediante o investimento nelas mesmas e a escolarização é o investimento em capital humano mais importante” (SCHULTZ, 1973, p. 10-11).

Ao tratar a educação como investimento, Schultz cria e reproduz um esquema racional que prevê que todo esforço deve ser avaliado previamente para que os possíveis resultados sejam mensurados e a ação real seja afirmada ou negada. Cria-se assim, uma teoria de motivação a partir da expectativa dos resultados que o incremento do grau de educação pode ocasionar a seu investidor.

Bowles e Gintis (2014) afirmam que a teoria do Capital Humano compõe o arcabouço ideológico do capitalismo, responsabilizando indivíduos pela sua miséria ou fortuna, reproduzindo assim o *status quo* do sistema de produção. Segundo eles:

Una vez más, el error de la teoría del capital humano se encuentra en su visión parcial de la producción y en su abstracción de la reproducción social. Por ejemplo, el carácter represivo de la escolarización, que difícilmente se puede decir que sea una contribución al bienestar humano, es una parte integral de la producción de una mano de obra disciplinada y está relacionado directamente con las relaciones sociales de producción. Del mismo modo, casi ninguno de los teóricos del capital humano diría que la perpetuación del sexismo, del racismo y del elitismo en nuestras escuelas fomenta el bienestar y ni siquiera que no lo afecta. Y, sin embargo, estos aspectos de la escolarización desempeñan un papel esencial en la reproducción del orden capitalista, papel inseparable de la capacidad de las escuelas para producir "buenos" trabajadores. Los teóricos del capital humano, al ignorar las relaciones sociales de producción y el papel de la

escolarización en la reproducción del capitalismo, han empleado un entramado normativo unidimensional para analizar las decisiones educativas que no tiene ninguna relación razonable con el bienestar humano. (p.227-228).

Portanto, desvelando o esquema racional que incentiva o aumento do ganho salarial do trabalhador através da educação, mas atrelado na premissa de Taylor (2009), percebemos que a Teoria do Capital Humano é uma matriz de pensamento que prega uma espécie de meritocracia que servirá em última instância para potencializar o lucro do capitalista.

Temos aqui, nos dois esforços teóricos instrumentais, um dos métodos de conservação da desigualdade que trabalham pelo ajustamento dos trabalhadores ao método de exploração capitalista. Vemos que o princípio de ambos é oferecer em primeiro plano um considerável aumento de rendimento salarial, mas que culminam com o ajuste de conduta para a formação de bons trabalhadores que ampliarão o lucro percebido pelos seus empregadores.

Desta feita, apresentaremos nos itens seguintes os desdobramentos que este método de conservação que valoriza o espaço escolar, produz entre os alunos. A escola produz o ajustamento às demandas do capital, mas em outro polo produz o desajuste em uma relação dialética. Seguimos ao desajuste.

Falas sobre desajuste ao sistema capitalista

Nosso entendimento é que a escola atua duplamente no funcionamento do sistema capitalista, tanto pode reproduzir quanto questionar as bases de produção. Aos reproduzir os fundamentos da base produtiva do capitalismo, como cobranças, jornadas exaustivas, metas a atingir, entre outras, a escola tenta arranjar a maior conformidade possível à produção. Podemos citar, Taylor (2009) que com seu sistema racional, tentou produzir uma gama de comportamentos e atitudes que fossem conformes aquilo que o mesmo traçou como adequado.

Entretanto, a escola muitas vezes, por seus conteúdos que não se inserem na maneira unidimensional do capitalismo arrumar sua própria sociabilidade, acaba agindo numa espécie de produtora de não-conformidade. Negação às regras rígidas, às

metas de rendimento ou ao falso sentido de ordem, a organização escolar produz aqueles que não se enquadram apenas a unidimensão do capital.

Essa não-conformidade pode ser por uma rebeldia, por não aceitação consciente ou pelo sofrimento psíquico frente a não adequação às normas estabelecidas, mas todas são fruto da aversão à racionalidade do capital. Trataremos do desajuste ao sistema capitalista.

As pressões organizacionais por conformidade produzem, de forma dialética o desajuste que se materializa em sofrimento psíquico. As incertezas e complexos de pressões do ambiente de trabalho, levam grandes números de trabalhadores ao desgaste emocional (DEJOURS, 1992). Isso também se aplica à própria escola.

A rotina intensa da educação em tempo integral ministrada do Instituto Federal pesquisado reflete na psiquê dos alunos a partir da cobrança por resultados nas avaliações. A aluna Rosa diz que: **“A gente fica muito cansado sabe, aí a gente não sabe o que fazer. Fica extremamente perdido”**. A aluna continua e afirma que o maior foco nas pressões são: **“As notas, deveres, mas principalmente as notas para você ser um dos melhores da sala. É uma cobrança muito grande aqui”**.

A cobrança por resultados acaba por esvaziar o processo de ensino-aprendizagem de seu significado mais enobecedor e incorpora uma característica de fragmentação que reside na hierarquização dos estudantes a partir dos escores de rendimento. A resistência a isso, muitas vezes, repercute na negação do sistema de avaliação estabelecido, mas causa forte sensação de fracasso nos estudantes. A aluna Rosa afirma o instituto é muito bom, mas que as cobranças excessivas atentam contra o psicológico dos alunos. Ela afirma que:

Até muito bom, só aqui é muito cobrado de você, sabe? O seu psicológico é muito forçado. **Se você não for forte psicologicamente, você vai acabar caindo**, tipo você sempre tem que ser o melhor se não for, não vai dar certo, entendeu? **Você tem que ser sempre. você é muito cobrado aqui.**

Podemos analisar este fenômeno da cobrança excessiva a partir da ótica de Sennett (2009) que afirma que o capitalismo flexível tende a criar nas pessoas uma sensação de desconforto perante a riscos ou ao insucesso. A visão de isolamento acirra esse desconforto e faz com que o trabalhador, neste caso os estudantes, sintam-se

desamparados e em muitos casos, injustiçados. Geralmente, a não aceitação dessa matriz de avaliação de rendimento isola os indivíduos, causando um desajuste funcional ao sistema produtivo. O maior reflexo disso é o crescimento de psicopatologias laborais (DEJOURS, 1992).

Com função de adição, citamos a fala do estudante Mario que reforça sobre a jornada de estudo excessiva que exige maior empenho do estudante. Segue a fala:

Bastante, porque como é que a gente tem a carga horária muito extensa e são muitas coisas para fazer. Tanto que o índice de reprovação no meu curso é muito alto. Porque se a pessoa não for atrás, ela realmente reprova. **Aqui não tem muita facilidade, não.**

Destacamos o último trecho da fala do jovem Mario que afirma não existir facilidades na rotina devido à grande carga de atividades. Mesmo invocando pelo ajustamento ao sistema proposto pelo instituto, percebemos que há um certo grau de esclarecimento frente às demandas. A noção de que o esforço é recompensado pela própria aprendizagem ofertada pelo Instituto Federal. Sendo que o conhecimento construído no processo de ensino aprendizagem muitas vezes repercute na alteração da percepção sobre os processos de exploração do capitalismo.

Com a construção de saberes que induzem à autonomia, a escola também atenta contra o processo de conformidade proposto pela educação capitalista a partir da uniformização de condutas. Por isso, em mais um processo dialético, ao mesmo tempo que a escola age pelo ajustamento ao sistema de sociabilidade do capital, ela cria o desajuste através do esclarecimento dos mecanismos de exploração que o capitalismo faz uso.

O aluno Roberto afirma que passou por um processo de muito desgaste para se enquadrar nas normas impostas pelo Instituto, mas por outro lado, aprendeu que vive em um sistema que se sustenta através da injustiça. Ele diz:

e eu me esforcei para entrar e quando eu entrei eu não me arrependo, eu não me arrependo, **porque o meu pensamento sobre várias coisas mudou por conta da aula de Sociologia por conta dos Professores e sociologia que eles trabalham muito lado social mesmo**, que eles levam o debate para da área para dentro da turma mesmo e mostram o que é errado e que é o certo que fazem com que a gente debata e aprender a opinião alheia mesmo.

Remetemo-nos à Freire (2000) que afirma que a educação deve primar por seu caráter revolucionário e transformador da sociedade. Com a fala acima, vemos que mesmo tendo uma conduta ajustada ao sistema de cobrança do capital, foi possível desconstruir certos tipos de pilares para a exploração do modo de produção. Percebemos pela fala do jovem que elementos de uma solidariedade de classe foram sedimentados neste discurso.

A concepção política para uma educação transformadora exige ação esclarecida e militante dos docentes. Aqui entendemos a importância dos intelectuais orgânicos da classe trabalhadora. Gramsci (2000) afirma que para garantir a unidade de um projeto que levasse a transformação social, será necessário a formação de intelectuais que façam um processo de difusão de ideias bases de sustentação para o processo de transformação social. Os docentes do Instituto Federal desenvolvem a função de unificar certas ideias que podem transformar a sociedade. Sobre o papel formador dos docentes, o aluno Roberto afirma:

Os professores daqui eles colocam, eles colocam uma ênfase muito grande na questão do governo você pode fazer tudo que você quiser com o estudo, e por isso que o governo não quer investir tanto, **porque com o estudo você começa a pensar e pensando você começa a ficar indagando algumas atitudes.**

A transformação que a educação pode ofertar, também foi mencionada pela aluna Rosa. Afirmando que:

Eu acredito que na minha visão de mundo assim, é que a gente tem uma visão antes de estudar e quando você estuda, você vê coisas a mais, **você consegue ver coisas sutis em músicas, em palavras de pessoas importantes você começa a entender mais as coisas, eu acho que isso faz uma pessoa inteligente.**

Portanto, reafirmamos a função transformadora que a educação pode possibilitar a partir de um processo de desvelamento de discursos que servem para causar a confusão necessária para o desenvolvimento do capital. Após isto feito, vemos que a construção de um sentimento de empatia é necessária para unidade da classe trabalhadora. Reafirmando as ideias de Gramsci (2000) e Freire (2000) que o potencial revolucionário da educação está na tomada de consciência de que existe uma luta de

classes se desenrolando e que apenas a noção de pertencimento à classe pode transformar de algum modo esta realidade.

Transformar o sistema de exploração do capital em algo que possa ser taxado de “justo” é um dos primeiros passos para uma revolução social. A aluna Rita afirma algo que vai ao encontro do exposto. Ela afirma: com a ajuda da informática me auxiliando nessas coisas, eu posso ter a minha volta né? **O retorno financeiro, mas também ajudar sem pedir tanto das pessoas que eu acho horrível isso.** Isso refuta, o que Taylor (2009) predisse ao afirmar a eficácia de seu modelo racional. Extrair o maior lucro possível para o empresário, pode não estar na visão dos profissionais que estão em não-conformidade com o sistema de exploração capitalista.

Desta forma, pontuamos que ao mesmo tempo que o desajuste ao sistema de exploração capitalista pode ser maléfico ao psiquê dos indivíduos, acarretando vários tipos de doenças como a depressão e a ansiedade. De outra forma, o mesmo desajuste pode produzir indivíduos conscientes do processo de exploração e que estão dispostos à altera-lo através da conscientização de outros ou mesmo por praticarem dinâmicas menos danosas ao próximo.

A produção de desajuste significa uma espécie de ruído no sistema simbólico do capital, resultando em atitudes em não-conformidade e com isso em perda de recursos importantes para o incremento dos lucros do capital. Por isso, o maior desafio do capital é estabelecer um forte aparato que produza conformidade. A próxima seção analisaremos de que forma a escola e seus processos estão colaborando com a conformação social.

Falas sobre ajuste ao sistema capitalista

A necessidade de ajustamento dos trabalhadores ao modo de produção imposto pela revolução industrial motivou vários esquemas que acelerassem tal intento. A mais célebre e exitosa tentativa foi arquitetada pelo engenheiro Frederick W. Taylor (2009), que ao propor um método científico de organização do trabalho, nada mais fez do que restringir o comportamento autônomo dos trabalhadores dentro da linha de produção, através dos tempos e movimentos estabelecidos em seu esquema racional.

Outra imposição de Taylor em seu esquema, era a total obediência às ordens dadas. O sistema dos tempos e movimentos necessitava de operários que não questionassem a organização da produção. Bowles & Gintis (2014) destacam o papel estratégico das escolas sobre esse processo de ajustamento que depende da obediência irrestrita. A escola reproduz em sua estrutura e seus processos a dinâmica da linha de produção: horários rígidos, excesso de tarefas, trabalho especializado dividido em disciplinas, entre outras.

Desta forma, o processo de ajustamento ao capitalismo conta com um sistema racional que prega a obediência irrestrita reproduzida nas demais relações sociais e que transfere ao indivíduo a responsabilidade pela adequação e pela prosperidade neste sistema. Em nossa pesquisa, percebemos o esforço dos jovens em se adequarem às normas estabelecidas no Instituto Federal e assim obterem o reconhecimento institucional de alunos que apresentam um bom desempenho. Lembremos que devido à reprodução da Teoria do Capital Humano, os alunos são divididos entre os que “querem algo” e os que “não querem nada”. Estar no primeiro grupo é adequado em uma sociedade que valoriza a performance.

As falas dos alunos concluintes se concentram em três tópicos. O primeiro que fala do ajustamento à rotina excessiva a qual são submetidos, o segundo se refere à reprodução dos discursos que potencializam a exploração do capital e o último tópico demonstra os sacrifícios feitos para melhor ajuste ao sistema.

Destarte, o ajuste à rotina excessiva é uma das maiores dificuldades relatadas pelos alunos do Instituto. Porém eles relatam que logo o ajuste aconteceu. A jovem Luiza fala que:

Quando você acaba juntando o curso técnico com o ensino médio, você tem bastante dificuldade. Pelo menos no aprendizado pelo fato de ter diminuído. Era 4 anos e **agora ser três anos. A gente tem uma carga horária é muito grande. No começo foi muito difícil, você pegar aquela base de matérias comuns, cálculos e ainda juntar com o ensino médio que tem toda aquela base comum, né?** Só que depois, eu acho que pelo fato da gente ter professores que a maioria são mestres e doutores. Acaba facilitando o aprendizado.

Temos a fala do aluno Alberto que caminha no mesmo sentido. Ele diz:

No começo foi bem puxado sabe, eu já vinha de escola pública e para entrar no ritmo o pessoal aqui cobra bastante e foi difícil. **Porque a pessoa que cobra bastante, mas depois que eu me acostumei eu achei da hora, porque você aprende bastante.**

As duas falas remetem que a carga horária excessiva é resultado de uma necessidade estrutural que vem ou da alteração da lei que regulamenta o ensino médio ou da própria organização do Instituto Federal que para os alunos não é uma escola pública devido sua estrutura e seu corpo docente. Observamos também que mesmo com a dificuldade inicial, ambos alunos relataram que melhoraram o desempenho por causa da inferência dos professores.

O papel docente no processo de ajustamento é sensível. Percebemos nas falas que os professores são agentes efetivos na cobrança por desempenho. Antes acentuamos o papel dos professores na formação política dos jovens, agora destacamos o papel na reprodução de um sistema baseado na performance. A Teoria do Capital Humano em sua formulação fundamental apontava que os sujeitos que mais tiveram acréscimo em suas produções, foram aqueles que mais participaram de formações técnicas. O papel dos professores nesse contexto é de fomentar uma espécie de disputa por mais repertórios que aumentarão a probabilidade de maior ajuste ao sistema.

Podemos destacar a fala de Rita que percebe que o ajuste é realizado na esfera individual a partir da performance. Ela diz:

Aqui é o que eu vejo principalmente que é o desempenho pessoal, porque se você não conseguir me dar e aquela vontade não tem como seguir em frente, aqui na sala são apenas 11 pessoas entrou 45 ou 46 e muitos deles não se viam no curso e também não tiveram empenho que os 11 tiveram no decorrer dos anos, **eu acho que o desempenho é o mais importante, o desempenho pessoal se botar e procurar aprender sempre.**

Aqui destacamos o princípio fundamental da Teoria do Capital Humano que repassa ao indivíduo a responsabilidade por seu percurso formativo. Bowles & Gintis (2014) dizem que esse é o perfil do investidor em capital humano. Ou seja, auto investidor. Baseado neste princípio, percebemos que a performance é posta em papel de destaque visto que é o fator de diferenciação de divisão da classe trabalhadora.

A aluna Rita mostra orgulho em pertencer à classe daqueles que apresentam

uma performance satisfatória, mesmo com uma cobrança maior por resultados. Ela diz:

Eu era a primeira, mesmo e sempre teve toda relação cobrança. Mas não era uma cobrança ruim, porque eu gostei. Então, eu me considero uma boa aluna, de boas notas e que realmente eu sou elogiada por alguns professores. Nunca tive dificuldade aqui e nem no ensino fundamental. Rita

A lógica de valorização dos resultados se insere em uma razão instrumental que guia a atividade das empresas capitalista. Nortear o sucesso pessoal a partir dos resultados dos esforços empreendidos é uma lógica do balanço empresarial, o que reduz a vida do indivíduo aos seus ganhos financeiros. Entretanto, o processo de ajustamento ao sistema capitalista, incentiva esse tipo de conduta e a escola ajuda a mimetizar o comportamento com o sistema avaliativo baseado em notas e não na aprendizagem.

A reprodução das condutas empresariais nas aspirações da vida dos jovens é um processo estritamente instrumental que repercute e possível fonte de sofrimento caso não se alcancem as metas traçadas. O estudante Carlos nos dá um bom exemplo sobre a projeção de metas para a vida profissional.

porque assim tudo a gente vai fazendo o cronograma na cabeça, né? O que que a gente vai fazer saindo do Instituto. Eu vou trabalhar como técnico, vou arrumar um emprego. Já vou ingressar em alguma faculdade ou se não der de primeira, como é o caso de muitos alunos daqui que não conseguem ingressar em uma faculdade de primeira, assim de primeira tentativa. Eu vou trabalhar até entrar em algum curso superior para poder fazer o meu sonho que é ser policial federal ou policial militar e **assim o que for o que aparecer para a gente.**

Mais uma vez podemos ver que a projeção de sucesso é instrumental e que os jovens estão a mercê dessa lógica que se baseia no sucesso profissional como credencial para a aprovação de seus pares e da sociedade de forma geral. Projeta-se baseado numa performance que receba um certo grau de desejabilidade social ou que nivele por cima a expectativa de uma vida prolífica.

Assim, segue-se com o processo de valorização unidimensional da vida em sociedade. Instala-se uma matriz que racionaliza cada instante da formação humana e que reduz esta ao sucesso da escolha da profissão mais rentável financeiramente. O

processo de racionalização quantifica cada passo e torna-o em um pré-requisito de um próximo. A ação calculista torna-se comum e aceita. Vemos isso na fala a seguir do mesmo aluno Carlos:

Em geral o estudo é como vamos supor, a pessoa estuda para fazer uma prova porque ela precisa passar no final do ano. Ela precisa passar todos os anos para conseguir o diploma e **assim com esse diploma, ele consegue um emprego melhor, um carro melhor, uma vida melhor. Então, uma pessoa que pensa em crescer na vida, ela precisa estudar para passar numa prova tirar 7 ou mais é assim que é o sistema de porque estudar. A pessoa tem que pensar assim: - ah, essa prova que eu vou estudar para passar de ano porque eu quero um diploma, eu quero conseguir um emprego.** Aqui os professores, eles falam que a você não é uma nota, você não é 7. você tem que aprender, o que você aprende às vezes é melhor do que um 10 é verdade, **mas aqui no Instituto. Eu também preciso dessas notas** e aqui. Por exemplo, eu aprendi demais na sala. Eu não sou nota 10. eu sou aquele 8, eu estou mais para 7 ou 8. Às vezes eu tiro um 9 e 10, mas eu sou uma pessoa muito participativa nas aulas práticas. Ah, vamos bater o martelo aqui. Vamos bater um plumo aqui. Lá tá eu. **Eu sou muito melhor do que aqueles que tiram um 10 em matemática, porque às vezes a gente se identifica com uma área com outra e é assim que é.**

A projeção utilitária da formação humana justifica até mesmo uma atividade que deveria ser enriquecedora por si só. O ato de aprender subordinado às recompensas possíveis após o empreendimento do esforço é empobrecedor, visto que cria uma economia da educação baseada apenas em recompensas objetivas. Excluindo o aperfeiçoamento humano da pauta de benefícios que a educação pode ofertar ao indivíduo ou à coletividade.

Percebemos também que a educação baseada em projeções de resultados futuros colabora com a fragmentação da classe trabalhadora visto que no interior desse processo formativo, gera-se uma noção de empreendedorismo associada à uma ação individual e individualista que aos poucos minam o senso de comunidade e coletividade da classe. Ter que fazer o que for preciso para alcançar determinados objetivos se transforma em uma espécie de mantra para os jovens que buscam triunfar no capitalismo.

Porque em outras cidades eles também pagam mais, pelo fato da cidade está em evolução e construção civil muitos amigos da minha sala até fala: - cara, eu acho que em outra cidade que eu possa fazer faculdade, vai ajudar como técnico em edificações. **Eu posso trabalhar, outros dizem, até de garçom trabalharia, mas tu tens um técnico em edificações, mas seria até**

de garçom porque o pessoal quer se formar, quer trabalhar. Eles têm essa sede. (Carlos)

Submeter-se a qualquer tipo de exploração que sirva de trampolim para um objetivo maior, passa a ser aceito pelos jovens, pois estes em sua maior parte, são de famílias humildes e precisam trabalhar para conseguir sustentar o sonho de prosperar. A recompensa futura é fator motivador para as ações do presente.

Outro ponto que podemos levantar sobre o processo de ajustamento é a reprodução de discursos que não são favoráveis a própria classe trabalhadora. a fragmentação da classe é por vezes tão intensa que os próprios trabalhadores não percebem que abrindo mão de determinadas garantias, estas não são revertidas em benesses aos trabalhadores e sim, em mais exploração.

Quando colocamos no roteiro das entrevistas questões sobre a reforma trabalhista e a terceirização, imaginávamos um certo desconhecimento da causa, mas não esperávamos a reprodução tão afinada do discurso que os capitalistas propagavam para defender tais reformas. O aluno João entende que:

Da reforma trabalhista, na verdade, a gente não tem tanta informação. Que a gente possa falar com que realmente possa estar acontecendo é complicado. Muitas pessoas falam, eu sei que pelo que as pessoas falam é um monte de direitos retirados dos trabalhadores, **mas eu acredito que o país também precisa de mais liberdade para iniciativa privada para a geração de emprego. Porque por mais que um os empregos não sejam tão bons como os empregos efetivos, os empregos públicos, mas pelo menos são empregos para quem está desempregado.** Pode ser a pessoa tem que trabalhar mais horas e está em mais empregos, mas é geração mesmo não sendo da qualidade que a gente espera.

O processo de ajustamento leva até mesmo a aceitação de condições de trabalho piores, mas desde que os trabalhos ainda possam existir. A fala seguinte do mesmo aluno mostra a continuação deste nosso entendimento.

É claro que se for para escolher entre estar em uma terceirizada, você vai estar ali a serviço, né? E está em um órgão federal público, sempre a pessoa busca pelo asseguramento do seu emprego, eventual preocupante se vier a terceirização, **mas se tiver um incentivo para as empresas terceirizadas, as empresas... vai haver mais geração de empregos.** (João).

A apropriação do discurso do antagonista, além de ser um processo de ajustamento a ordem de exploração que prega que cada um é um investidor em seu próprio “capital humano” e por isso responsável por seu destino, é a representação da falta do sentimento de empatia com o restante da classe. Paulo Freire (2000) afirmava que o pior papel que um ex-oprimido podia exercer era ocupar o lugar do opressor. Quando se perde o sentimento de empatia com o restante da classe, ocupa-se o lugar do opressor.

Neste contexto de negação de direitos, é comum achar correto que perder alguns desses direitos para possibilitar a abertura de novas vagas de trabalho de pior qualidade é vantajoso. Vemos que isso se justifica na condição material da maior parcela da classe trabalhadora, visto que é melhor algum pão à mesa que pão nenhum. Entretanto, representa também o alto grau de fragmentação da classe trabalhadora. A reprodução do discurso é danosa tanto economicamente quanto para o reconhecimento das similaridades que deveriam unir a classe.

O ajustamento ao sistema requer a negação de outras esferas da vida do homem em sociedade, causando um empobrecimento nas próprias relações sociais e no processo de apreensão cultural. A escola reproduz algo que se torna comum na vida adulta, o raro tempo disponível para o lazer ou outras atividades que não sejam produtivas.

A rotina exaustiva do Instituto Federal reproduz a temporalidade que o capital deseja, o que acarreta em renúncia dos outros espaços para apenas a dedicação aquilo que é produtivo. O jargão capitalista “tempo é dinheiro” ressignifica a sociabilidade humana. Podemos ver um pouco do empobrecimento da vida em sociedade com a fala do aluno Carlos, que diz que:

Toca o instrumento como eu te falei eu fazia ciclismo, fazer ciclismo, mas o tempo aqui no instituto. Como tem dias que a gente passa aqui de manhã e de tarde e de noite e tem estágio à tarde. A gente tem que lidar tudo com isso. A gente fica muito cansado e ainda tem a vida social que a gente tem que ter. Namorada. Tem que ir na namorada e tudo aí ficou muito difícil para mim continuar com a minha carreira de ciclismo, até porque é um esporte que gasta muito não é barato e por esse fato de eu estar trabalhando eu resolvi dar uma pausa no ciclismo. (Carlos)

A dificuldade de manter outras esferas da vida com certo protagonismo é a marca da condição material desfavorável da classe trabalhadora. O fato de viver do trabalho e com ele manter as outras esferas gera esse processo de empobrecimento da vida do trabalhador. Essa materialidade baseada na miséria é útil à organização do capital em seu processo de exploração. Quanto mais miseráveis existirem, mais concentração e centralização de renda haverá, pois estes trabalham por menos dinheiro que os outros que estiverem com suas necessidades mais atendidas.

O ajuste ao sistema é condição essencial para o desenvolvimento do capital, sendo que esse ajuste é baseado no processo de fragmentação da classe. A reprodução pela escola dos tempos e movimentos do capital é condição básica para o ajuste. Então vimos aqui que desde a assimilação da rotina exaustiva até o empobrecimento da vida em sociedade, passando pela defesa da retórica capitalista, produz nos jovens um sentimento de contentamento por estarem repetindo os “comportamentos vencedores” dos industriais ou grande empreendedores.

A escola mesmo que gestando ao mesmo tempo o ajuste e o desajuste, ainda produz mais fragmentação do que unidade, visto que o sistema avaliativo imposto é baseado na remuneração do acerto e na penalização da falha. Então, consideramos que a escola cumpre sua função para com o capital no ajustamento dos jovens ao sistema de exploração, mesmo que de outro lado forme um discurso contrário, mas a única maneira de sair da escola com o diploma em mãos é o ajustamento ao sistema, é reproduzir os tempos e movimentos do capital.

Conclusões

Com o objetivo analisar o ajuste/desajuste dos alunos de um Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do nordeste brasileiro aos mecanismos de reprodução do modo de produção capitalista, o presente artigo apurou que o complexo de forças que tentam garantir um isomorfismo sobre as respostas das demandas do capital produzem na mesma medida o ajuste e o desajuste que podem resultar em sofrimento psíquico pela não adaptação às exigências ou mesmo pela frustração do não atendimento.

Por isso, destacamos o sofrimento psíquico que os alunos passam por não se

enquadrarem na noção de meritocracia desenvolvida como padrão avaliativo. Sendo que a escola, através do sistema de avaliação, marca os alunos em duas subclasses: “os que querem” e “os que não querem nada”. Marcando os alunos que se ajustam ao sistema com uma maior desejabilidade social.

Os alunos se mostram capazes e dispostos de fazer o que for preciso para alcançarem o prestígio e triunfem no capitalismo. Abrindo mão de direitos fundamentais em troca de mais oportunidades de trabalho, mesmo que precárias. Reproduzindo até mesmo o discurso que acarretará em uma maior exploração do trabalho.

O ajuste custa o empobrecimento da vida em sociedade e a aceitação das rotinas extenuantes de trabalho. O mérito custa parcelas significativas da vida em sociedade e do caráter coletivo da formação humana, aqui quem prospera é aquele que nega seus espaços de lazer e de auto atualização pessoal.

Portanto, o ajuste promove a fragmentação maior da classe através de uma cultura individual e individualista para a promoção do processo de concentração e centralização do capital, a partir do enfraquecimento das bases que solidificam o sentimento de pertencimento de classe. O capitalismo prospera mais quando uma parcela cada vez maior da classe trabalhadora se ajusta aos seus tempos e movimentos.

Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 1977.
- BOWLES, Samuel; GINTIS, Herbert. El problema de la teoria del capital humano: una crítica marxista. **Revista de Economía Crítica**, nº18, segundo semestre 2014, ISSN 2013-5254.
- DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: Estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez, 1992.
- FREIRE, Paulo. **A pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. Os Intelectuais. O Principio Educativo. Jornalismo. V.2. Editora Civilização Brasileira, 2000.
- MARX, Karl. **O Capital – crítica da economia política**. Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, Karl. **Trabalho, Preço e lucro & Salário, preço e lucro**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- OXFAM BRASIL. **A distância que nos une**: um retrato das desigualdades brasileiras. São

Paulo: Oxfam Brasil, 2017.

SCHULTZ, T.W. **O Capital Humano**: Investimentos em Educação. São Paulo: Zahar editora, 1973.

SENNETT, Richard. **A corrosão do Caráter**: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2009.

TAYLOR, Frederick. **Princípios de Administração Científica**. São Paulo: Atlas, 2009.